



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
O Trabalho Intelectual na Sociedade Contemporânea: questões epistemológicas			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Aline de Carvalho Moura	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ	Pesquisadora
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Este texto tem como objetivo pensar a problemática sobre trabalho e sociedade com base na discussão sobre o trabalho intelectual na sociedade contemporânea, apresentando alguns apontamentos sobre o trabalho acadêmico. A partir do trabalho acadêmico, tentamos apresentar o trabalho intelectual para além das condições materiais em si, discutindo, mais especificamente, algumas questões epistemológicas. Para que esse objetivo fosse alcançado, fez-se necessário trazer para essa discussão as condições com as quais esse trabalho intelectual tem sido realizado nos últimos anos, para que possamos compreender, dentro de suas determinações históricas, a forma como vem sendo conduzido dentro da sociedade capitalista. Nesse contexto, discutiremos o trabalho acadêmico e a maneira como se configura frente às demandas da sociedade organizada pelo capital. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja fundamentação teórica de análise é o pensamento marxista, de orientação ontológica, uma vez que este apresenta argumentos para a discussão da produção do conhecimento de maneira crítica. Encontramos nessa bibliografia análises que nos possibilitam pensar a presença dos valores mercantis nas políticas que promovem o trabalho acadêmico, no campo do conhecimento em educação. No entanto, como nossa preocupação direciona-se, principalmente, para as questões epistemológicas desse trabalho intelectual, este trabalho procura também indicar as contribuições teórico-metodológicas do Marxismo ontológico para a compreensão e análise da realidade social e suas práticas na sociedade.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Trabalho intelectual. Epistemologia. Marxismo			
ABSTRACT			
<p>This text has as objective think about the problematic on work and the society based on the discussion of intellectual work in contemporary society, with some notes on academic work. Starting from the academic work, we try to provide the intellectual conditions beyond the materials themselves, discussing, specifically, some epistemological questions. To fulfill this objective, it was necessary to bring for this discussion the conditions with which this intellectual work has been performed in recent years, so we can understand, within its historical determinations, the way has been conducted within the society capitalist. In this context, we discuss the academic work and the way they set for meeting the demands of organized society by capital. It is a literature review, theoretical analysis which is Marxist thought, ontological orientation, since it presents arguments for the discussion of knowledge production in a critical way. We find in this literature analysis that enable us to consider the presence of market values into policies that promote academic work in the field of knowledge in education. However, as our concern is directed mainly to the epistemological issues of intellectual work, this work also seeks to indicate the theoretical and methodological contributions of Marxism to understanding and ontological analysis of social reality and its practices in society.</p>			
KEYWORDS			
Intellectual work. Epistemology. Marxism			

Muitas mudanças cercaram e ainda cercam a sociedade, principalmente no que diz respeito às suas configurações de âmbito econômico-sócio-político. Muitos são os pontos a serem superados quando se trata de compreender o tempo e o espaço em que se articulam às necessidades da sociedade frente às mudanças dessas configurações econômico-sócio-políticas. Nesse sentido, pensando a forma como se articulam os interesses e necessidades da sociedade em relação a

educação, decidimos discutir, mais pontualmente, o trabalho intelectual na sociedade contemporânea no campo da educação, pensando alguns fundamentos sócio-epistemológicos do conhecimento científico instituídos por esta sociedade dirigida pelo capital. Além disso, resolvemos trabalhar algumas questões epistemológicas e metodológicas no que se refere ao trabalho acadêmico na área, pensando, mais criticamente, a forma como vem se constituindo o trabalho intelectual, principalmente no que se refere a produção acadêmica.

A partir de uma análise sobre alguns aspectos da produção acadêmica, tentamos apresentar o trabalho intelectual para além das condições materiais em si, discutindo, mais especificamente, algumas questões epistemológicas, e com isso, pensamos ser necessária uma passagem, mesmo que breve sobre alguns aspectos sobre o trabalho na sociedade atual, no intuito de contribuir no que se refere a forma como se estrutura, se organiza e se configura o trabalho intelectual na contemporaneidade.

Para discutir sobre o trabalho intelectual, é de suma importância pensar a categoria trabalho. E para isso, devemos analisar a sociedade capitalista, e fundamentalmente, o modo capitalista de produção e a forma como a atividade produtiva se estabelece.

Para Marx (1996), o trabalho é uma relação entre o homem e a natureza. Nessa relação, a ação é comandada pelo homem, ação essa, que por sua vez, se traduz em modificações econômicas, sociais e culturais, que vão além da busca pela sobrevivência, uma vez que o homem vive em sociedade, e por isso, estabelece relação também com seus semelhantes. É importante deixar claro que esta discussão sobre o trabalho, também se vincula ao trabalho intelectual, pois essa categoria se constitui como fonte importante de realização do ser social, fundamento ontológico básico das relações humanas na sociedade capitalista.

O trabalho intelectual, como outra condição de trabalho, se concretiza como realização do ser social, pois produz para o consumo social, seguindo algumas normas e modismos de um determinado momento histórico, além de adotar determinações que supram as necessidades e demandas da sociedade. Desta forma, não importa qual a condição do trabalho, já que o destino do objeto produzido pelo trabalho estará sempre satisfazendo as necessidades da sociedade, inclusive o objeto produzido pelo trabalho intelectual. Nesse sentido, segundo Fornes (2008), o trabalho é sempre socialmente determinado.

Fornes (2008) afirma que na idéia de trabalho está presente uma distinção entre o que ele chama de trabalho concreto e trabalho abstrato. Na concepção de trabalho concreto, o trabalho mostra seu caráter utilitário, atividade que produz valores de uso. Já na idéia de trabalho abstrato, o trabalho é entendido apenas como um gasto de energia física ou intelectual do ser humano, gasto que é socialmente determinado. O conceito de trabalho abstrato como correlato à produção de mercadorias e como forma histórica dominante, nos possibilita perceber que as duas modalidades de

trabalho tradicionalmente diferenciadas tendem a se fundir, a ciência tende a se tornar ela própria uma força produtiva.

Marx (1996) fundamenta essa análise ao afirmar o duplo caráter do trabalho nas sociedades capitalistas:

[...] Todo trabalho é, por um lado, dispêndido de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor de mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndido de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valor de uso (p. 175).

A constituição do trabalho como atividade física ou intelectual traduz, dentro da sociedade capitalista, uma forma de organização bem específica, onde ambas as condições de trabalho são direcionadas a atender determinados interesses da sociedade regida pelo capital. Os momentos de desenvolvimento do capital e conseqüentemente do capitalismo como sistema econômico que dirige a sociedade, mostram uma concepção dominante enraizada nos moldes de estruturação da vida; e que está intimamente ligada à relação existente entre sujeito e objeto. Essa relação, no que diz respeito aos processos produtivos, pode ser mais claramente observada, através das relações de trabalho e através do processo educativo. Na tentativa de aproximar o trabalho e o processo educativo, trataremos a partir de agora de um dos produtos do trabalho intelectual, o trabalho acadêmico, que hoje, traz uma série de questões de cunho epistemológico no que diz respeito a forma como vem se configurando para atender as exigências da sociedade.

Frente à atual condição na qual se estabelece o cenário da sociedade contemporânea, pode-se entender a conjuntura na qual se apresenta a produção do conhecimento nas últimas décadas no campo da educação. A análise dos problemas relacionados ao trabalho acadêmico compreende os problemas da pesquisa no campo da educação, principalmente os problemas teórico-metodológicos. Essa análise precisa considerar a conjuntura econômico-sócio-política da sociedade capitalista atual e a organização do trabalho intelectual definido pelas demandas da sociedade de mercado. A partir, então, das condições de organização e desenvolvimento da sociedade contemporânea, é possível entender as condições da produção do conhecimento no campo do conhecimento em educação.

Segundo Hostins (2006), no atual momento em que a pesquisa está inserida, quando o que prevalece é um pragmatismo disseminado por um ceticismo ontológico e epistemológico, o indivíduo que emprega o trabalho intelectual, vê-se instruído a produzir conhecimentos próprios para o consumo, dentro de uma lógica mercantil, indispensável ao desenvolvimento alienado da sociedade. Nesse contexto, esses indivíduos, ao não reconhecerem e ao não aplicarem os esforços

teórico-metodológicos necessários, assim como ao não assumirem a vigilância ontológica e epistemológica também indispensável para o processo de construção do conhecimento, estarão contribuindo para um processo de mercantilização cada vez maior.

Os problemas relacionados à mercantilização das produções acadêmicas não são recentes, pelo contrário, como afirma Alves-Mazzotti (2003), junto com a criação de cursos de pós-graduação, principalmente a partir da década de 1970, o trabalho acadêmico ampliou-se consideravelmente. Em meio ao crescimento da pós-graduação e também dos trabalhos acadêmicos, começaram a surgir, na pesquisa em educação, alguns problemas decorrentes da exigência da produção acadêmica. Dentre eles, Alves-Mazzotti (2003) destaca:

a) pobreza teórico-metodológica na abordagem dos temas de pesquisa, com um grande número de estudos puramente descritivos e/ou “exploratórios”; b) pulverização e irrelevância dos temas escolhidos; c) adoção acrítica de modismos na seleção de quadros teórico-metodológicos; d) preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados; e e) divulgação restrita dos resultados (p. 34).

Além dos problemas apontados por Alves-Mazzotti (2003) e a crítica de Moraes (2001), sugerindo que, atualmente, a pesquisa em educação se caracteriza pela falta de preocupação epistemológica e por um *recuo da teoria*.

Moraes (2001; 2005) preocupa-se com os índices de degradação dentro da pesquisa no campo educacional, fato que, segundo a autora, caminha acompanhado de uma utopia praticista “alimentada por um indigesto pragmatismo” (2001, p.10), em que o rigor teórico “é associado à perda de tempo ou à especulação metafísica” (KUENZER e MORAES, 2005, p. 1352). Cabe ressaltar que essa concepção alienada e corrompida pelos valores mercantis da sociedade do capital está enraizada em todo o processo político educacional que investe em uma concepção empobrecida de pesquisa e na formação de um *intelectual* pouco adepto ao exercício do pensamento. Nessa perspectiva, as pesquisas da área são elaboradas e propostas:

a) como simples levantamento de dados fenomênicos, b) por restringir seu horizonte ao controle desses dados com vistas a descrever seu provável comportamento futuro, c) por pensá-las como mera estratégia de intervenção; d) ou ainda, em suas versões “pós” ou “neo”, por reduzi-las a “narrativas fragmentadas, descrições vulgares das múltiplas faces do cotidiano escolar” (MORAES e MULLER, 2003, p. 2).

Dentro da conjuntura atual em que as pesquisas em educação vêm se desenvolvendo, Moraes (2001), aponta dois caminhos para explicar a forma como esse processo de empobrecimento da pesquisa se constitui na contemporaneidade. O primeiro diz respeito ao ponto de vista epistemológico, onde prevalece a desconstrução de certa concepção de racionalidade, ou mais ainda, a falência de uma determinada concepção de razão, negando, assim, as bases epistemológicas que sustentavam a ciência moderna. Tais iniciativas estão sustentadas por um movimento, reconhecido pela autora, como *pós-modernidade e* significam para a pesquisa, uma impossibilidade do conhecimento do real, uma vez que tem por base uma prática investigativa imediata e empírica.

O segundo ponto indicado por Moraes (2001), para explicar as condições contemporâneas da pesquisa em educação, considera a conjuntura atual da pesquisa por um viés político-econômico. Ao considerar essa perspectiva, Moraes (2001) entende que a conjuntura político-econômica capitalista define as estruturas epistemológicas do processo de conhecimento no campo da educação. Esse processo de conhecimento, orientado por essa conjuntura, indica que a educação submete-se às exigências das constantes reorganizações das estruturas capitalistas, transformando-a em mera mercadoria no complexo sistema de mercado.

Para a autora, a centralidade da educação e sua transformação em mercadoria acontecem “mediante a introdução de mecanismos de mercado no financiamento e gerenciamento das práticas educacionais” (MORAES, 2001, p. 1). Tais mecanismos são definidos nos documentos de organismos multilaterais como Banco Mundial, UNESCO, entre outros, que, além de conduzirem a educação segundo seus interesses, atribuem-lhe, o papel de formar as novas gerações seguindo sempre as demandas e necessidades do mercado capitalista, assegurando, portanto, a internalização dos valores mercantis: “Os destinos da educação, desse modo, parecem estar diretamente articulados às demandas de um mercado insaciável e da sociedade dita do ‘conhecimento’” (MORAES, 2001, p. 01). Nesse sentido, entendemos que essa sociedade que valoriza o conhecimento não manifesta, de forma objetiva, seus interesses, manipulando pacotes prontos de conhecimento que assegurem o desempenho, a aceitação e o controle da sociedade do capital.

Esses mecanismos de controle, que garantem que as regras do mercado estão orientando, cada vez mais, a política educacional, acabam determinando a produção do conhecimento e a questão epistemológica, impossibilitando uma visão crítica da realidade, transformando o trabalho acadêmico, e todo o trabalho intelectual, em resultados que contribuam para atender os interesses de uma sociedade alienada e alienante. Contudo, ao assegurar a produção do conhecimento no contexto da sociedade capitalista alienante, desvinculada de uma compreensão da dinâmica da dominação do capital, o trabalho intelectual, segundo nosso entendimento, corre o risco de não

produzir um conhecimento que dê conta da complexidade e concreticidade da sociedade capitalista, distanciando-se, assim, dos seus objetivos de formação e produção de conhecimento.

O trabalho intelectual, da maneira como vem se constituindo ao longo dos anos, promove também uma série de mudanças e alterações no que diz respeito aos conceitos de ciência e método e às opções teórico-metodológicas que, em meio a tantas regras e normas de publicação, acabam se apresentando com ausência de critérios, provocando certa desorientação uma vez que *verdades* e *certezas* traduzem um “narcisismo investigativo” que descambou para um “vale tudo” nas pesquisas (ALVES-MAZZOTTI, 2003, p. 36).

Para Kuenzer e Moraes (2005), também, a prática da pesquisa em educação tem compreendido qualquer empreendimento como trabalho investigativo: “Dito de outro modo, aparentemente, no universo da pesquisa em educação e, portanto, da produção de conhecimento no campo da educação, cabe praticamente tudo” (KUENZER e MORAES, 2005, p. 1354). Nesse mesmo sentido, Warde, já em 1990, ao analisar os trabalhos acadêmicos produzidas nos programas de pós-graduação, afirmava que “o conceito de pesquisa se ampliou tanto, que, hoje, nele tudo cabe: os folclores, os sentidos comuns, os relatos de experiências (de preferência as próprias), para não computar os desabafos emocionais e os cabotinismos” (WARDE, 1990, p. 70), produzindo, ainda segundo a autora, “uma desqualificação advertida ou inadvertida de toda produção teórica” (WARDE, 2002, p. 251).

Outras orientações para a pesquisa em educação são: as produções, com base nas crenças do senso comum, que afirmam a importância e a necessidade de recuperar a diversidade da experiência de vida, partindo dos *saberes-fazeres* cotidianos, na tentativa de produzir conhecimento a partir de uma reflexão *crítica* de sua prática, reflexão cujos argumentos foram construídos na experiência e vivência cotidianas, e a tentativa de dar voz aos sujeitos ou de valorizar as práticas, limitando-se a reproduzir as falas dos sujeitos envolvidos nas pesquisas (MORAES, 2003). Em nosso entendimento, essas orientações são sustentadas, portanto, por opções epistemológicas equivocadas, pois partem do pressuposto de que a riqueza da multiplicidade de vozes é indispensável à pesquisa, afirmando, portanto, a importância do diálogo no processo de conhecimento da realidade educacional.

Essas orientações epistemológicas das pesquisas em educação são justificadas pela complexidade do fenômeno educacional, que exige opções epistemológicas capazes de lidar com os fenômenos plurais e ao mesmo tempo singulares, com os fenômenos subjetivos, gestados nas experiências e vivências do cotidiano. Nessa perspectiva, então, determinados procedimentos investigativos são escolhidos buscando o conhecimento do real. Dentre esses procedimentos estão

as descrições, entrevistas e questionários, que são entendidos como possibilidade de uma interpretação quase fiel do real. No entanto, ao sugerir que esses procedimentos permitem o conhecimento do real *tal como ele é*, essa perspectiva epistemológica esquece que o real que se apresenta está muito distante do real concreto, realidade determinada pelas condições econômico-sócio-político-históricas.

Tais alternativas epistemológicas traduzem de alguma forma, a lógica da sociedade de mercado. Considerando o processo de conhecimento da realidade, no contexto dos parâmetros da sociedade de mercado, o pesquisador deve aprender a lidar com a descartabilidade e com a obsolescência, quase que imediata, da pesquisa, uma vez que o conhecimento se estabelece com bases no sensível, no fenômeno, no empírico, ou seja, no imediato. Entretanto, em oposição ao domínio dessa tendência, não é possível esquecer o empenho no sentido do desenvolvimento de pesquisas que, ao considerar o fenômeno educativo, partem das determinações econômico-sócio-político-históricas da vida social e das ações do homem.

Essas considerações nos permitem concluir que a pesquisa em educação, ao se limitar às manifestações do fenômeno, do sensível, do imediato para entender a educação em todas as suas dimensões corre o risco de construir análises generalizadas, universais e abstratas que fazem da complexidade do real, uma mera configuração do real *dado*, do real sensível, ou seja, análises que, partindo de percepções sensíveis do real, não consideram as determinações históricas.

Quando o real é considerado como objeto *dado*, ele é abstraído de qualquer condição econômica e histórica. Nessa perspectiva, o objeto de conhecimento é reduzido ao real empírico, negando a possibilidade de conhecimento do real para além de sua manifestação sensível (LEITE et al, 2008).

Para chegar ao conhecimento do real, no caso, realidade entendida como trazendo, em si, o seu conhecimento, os procedimentos metodológicos para *conhecer* esse real, para apreender suas características particularidades, se resumem a tentativas que apresentam resultados que não consideram a complexidade da realidade, ou seja, que não levam em conta as determinações econômicas e históricas.

Uma vez que nossa preocupação neste trabalho é discutir o trabalho intelectual tratando algumas questões epistemológicas, é importante saber que dentre as diferentes possibilidades epistemológicas, destacamos a existência de duas formas de conceber o processo de conhecimento do real que se diferenciam e se distanciam frente às possíveis alternativas de entendimento do real.

De um lado, parte-se do entendimento de que o real só é considerado *objeto de conhecimento* quando se torna *real de pensamento*. Essa perspectiva está fundada no pressuposto de que os sentidos e a experiência podem conduzir a equívocos, não possibilitando o conhecimento da realidade. Nessa epistemologia, o pensamento é entendido como racionalidade explicativa, ou seja, para essa opção epistemológica, a razão não precisa de provas empíricas (LEITE et al, 2008).

Por outro lado, segundo outra perspectiva epistemológica, a experiência é o caminho para se evitar os equívocos dos sentidos, sendo, portanto, capaz de corrigir tais enganos na tentativa de revelar a *verdade*. Para essa concepção epistemológica, parte-se, então, do pressuposto de que o real apresenta-se, ele mesmo, sem o auxílio da razão. Nesse sentido, o caminho para o conhecimento da realidade é a busca da generalização com base na experiência, que é aceita como lógica legítima para o conhecimento da *verdade*. Para essa teoria do conhecimento, então, todos os conceitos e pressupostos teóricos procedem da experiência (LEITE, 2004; 2008).

Segundo a concepção epistemológica que reconhece os limites da realidade para fornecer conhecimento sobre si, a possibilidade de se aproximar do real compreende considerar suas determinações de existência, ou seja, sua historicidade. Contudo, a historicidade não garante sozinha o conhecimento do real, e nesse sentido, a teoria é a racionalidade que, submetida à crítica, permite que a explicação avance e insira-se em um sistema de pensamento capaz de se aproximar da complexidade do real: “é a realidade que importa, mas não é ela que comanda o processo de sua própria inteligibilidade” (CARDOSO, 1976, p. 64).

Voltando-nos para a pesquisa em educação, a epistemologia crítica entende que o trabalho investigativo no campo da educação compreende seu caráter histórico-ontológico. Caráter histórico porque se associa a um processo produzido e desenvolvido pela ação humana, e ontológico porque o resultado dessa atividade é o próprio ser dos homens.

Essa concepção trata a pesquisa em educação como atividade que coloca em relação o *sujeito que conhece* e o *objeto a ser conhecido*. Esse *sujeito*, dentro dessa concepção, “não é a consciência individual de um real desenraizado, que aparece como fenômeno de consciência, mas é definido pela materialidade das relações econômicas que o determinam e à sua existência social” (LEITE et al, 2008, p. 15). Da mesma forma, esse *objeto* não é o real como percebido pelos nossos sentidos, mas, o real como manifestação das condições concretas de existência, o real como história.

Embora, a perspectiva epistemológica crítica chame a atenção para a necessidade de se analisar o real, considerando sua historicidade, muitas pesquisas são orientadas pela perspectiva que atribui ao real, a possibilidade de *falar de si*. No caso específico das ciências sociais e, em especial,

da pesquisa no campo do conhecimento em educação, essas orientações significam, de fato, desconhecer a condição de historicidade do *sujeito* e do *objeto* em sua relação de conhecimento. Dentre outras conseqüências dessa escolha epistemológica, destacamos a preocupação em investigar macro ou micro *objetos*, descolando tais realidades do seu contexto econômico, político e histórico, tratando-os como *objetos* do cotidiano cujo entendimento será possível no resgate do cotidiano de sua existência.

Considerando, então, o trabalho intelectual e o processo investigativo, destacamos, de um lado, a importância da pesquisa que tenha por base a preocupação com as determinações históricas e com a relação *sujeito-objeto*, e, do outro lado, a crítica às pesquisas voltadas para a valorização da experiência, do real dado e sensível, do imediato. Nesse confronto, pensamos que a alternativa para entender a pesquisa em educação fora dos parâmetros tradicionais é recorrer à opção teórico-metodológica fundada na epistemologia de orientação marxista:

O fundamento da concepção marxiana de método científico e de seu objeto permite a superação dos dilemas comuns existentes nas concepções epistemológicas da Modernidade, possibilitando a compreensão do objeto científico como um real histórico, social e teórico, cujas determinações não podem ser apreendidas numa relação direta e informada pelo real empírico (LEITE et al, 2008, p. 19).

Nesse sentido, no que diz respeito à discussão sobre os métodos de pesquisa para o conhecimento do fenômeno educativo, a partir das referências do campo teórico do marxismo, é preciso ter em conta a discussão sobre o método da ciência econômica, quando Marx chama a atenção para o processo de conhecimento da realidade, que compreende o movimento do pensamento e o movimento do real. Esse processo de conhecimento, que se realiza no movimento pensamento-real, supõe a consideração das condições históricas de formação do modo de produção e reprodução das condições materiais de existência.

Marx traz uma nova perspectiva para se tratar o método científico, na tentativa de uma melhor e mais rigorosa forma de compreensão da realidade. Assim, como quase tudo que gira em torno de Marx, o texto *O Método da Economia Política*, também promove muitas controvérsias em sua leitura e análise, que, ainda segundo Cardoso (1990), contempla linhas de interpretação das mais diversas e até mesmo divergentes.

Dentre os muitos estudiosos que fazem uma leitura sobre o método em Marx, outro autor que traz contribuições a respeito da análise feita sobre essas leituras e interpretações é Mészáros (2006), que afirma que:

Qualquer tentativa de ler Marx, não em termos de seu próprio sistema, mas de acordo com algum “modelo científico” preconcebido e banal, em moda nos nossos dias, priva o sistema marxiano de seu significado revolucionário e o converte numa coleção morta de conceitos pseudocientíficos inúteis (p.94).

Entretanto, como nosso interesse neste trabalho não é aprofundar o debate sobre o método científico de Marx, e sim, tratar o trabalho intelectual e as questões epistemológicas, nos deteremos apenas a afirmar que, perceber o método de Marx como uma alternativa para alguns equívocos epistemológicos, é crucial para o processo de produção do conhecimento, e para o reconhecimento de que a concretude do real é produzida no campo teórico.

Segundo Leite et al (2008) o campo teórico-metodológico que se fundamenta na epistemologia marxista, permite identificar algumas limitações no trabalho intelectual:

O fundamento da concepção marxiana de método científico e de seu objeto permite a superação dos dilemas comuns existentes nas concepções epistemológicas da Modernidade, possibilitando a compreensão do objeto científico como um real histórico, social e teórico, cujas determinações não podem ser apreendidas numa relação direta e informada pelo real empírico (p. 19).

Nesse sentido, este trabalho veio apresentar e discutir algumas limitações e equívocos no que se refere ao trabalho acadêmico. Dentro da perspectiva ontológica de pesquisa utilizada aqui, que apresenta o campo do Marxismo como um caminho para se compreender a forma como a produção do conhecimento e o trabalho intelectual vem se constituindo na contemporaneidade, percebemos todo um processo de produção e reprodução de valores que servem para manter os estigmas da sociedade ditada pelo capital.

O campo do conhecimento em educação, tanto no que diz respeito ao trabalho investigativo propriamente dito, quanto ao que diz respeito à tarefa de trabalho acadêmico, quanto às perspectivas epistemológicas e metodológicas e aos procedimentos investigativos, tem questões que merecem ser analisadas e debatidas. Por esse motivo, muitos são os cuidados que devem permear a pesquisa, na tentativa de uma aproximação com o real.

Este trabalho apresentou algumas discussões sobre o trabalho intelectual na contemporaneidade, não no intuito de julgar ou avaliar a legitimidade ou valor do que vem sendo produzido como trabalho acadêmico, e sim, trazer alguns questionamentos, indagações e preocupações no intuito de inculcar a reflexão sobre o que vem sendo chamado de produção do conhecimento, não para explicar, nem tão pouco para impor verdades frente a enorme

complexidade em que se encontram as pesquisas educacionais, mas para contribuir para a construção de uma produção mais crítica e comprometida.

BIBLIOGRAFIA

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia (Orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARDOSO, M. L. *O mito do método*. Rio de Janeiro: Boletim Carioca de Geografia, 1976.

_____. Para uma leitura do Método em Karl Marx: anotações sobre a “Introdução” de 1857. *Cadernos do ICHF*, Niterói: UFF, 1990.

FORNES, R. C. *A alienação do trabalho na Pós-modernidade*, 2008. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Serviços Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HOSTINS, R. C. L. *Formação de pesquisadores na pós-graduação em educação: embates ontológicos e epistemológicos*, 2006. (Doutorado) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

KUENZER, A. Z.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós- graduação em educação. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, SP, v. 26, n. 93, 2005.

LEITE, S. B.; PORTUGAL, A.D.; SILVA, S. R. B. Pesquisa em educação: a construção teórica do objeto. *Revista Eletrônica Ciência & Cognição*, v. 13, n.1, p.12-20, 2008. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 10 ago. 2010.

LEITE, S. B. et al. Pesquisa em educação e conhecimento científico, o problema ainda atual da verdade no debate teórico. In: *Anais do XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, 2004. Curitiba: Champagnat, v. 1, p, 1319-1331, 2004.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v.1.

MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx* (1930). São Paulo: Boitempo, 2006.

MORAES, M. C. M. Ceticismo epistemológico, ironia complacente: anotações a cerca do neopragmatismo rortyano. In: MORAES, M. C. M. (Org.). *Illuminismo às avessas: produção de conhecimento e formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORAES, M. C. M. Recuo da teoria: dilemas da pesquisa em educação. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 14, n. 1, 2001.

MORAES, M. C. M.; MÜLLER, R. G. Histórias e experiências: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 2, 2003.

WARDE, M. J. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. *Caderno de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 73, p. 67-75, maio, 1990.

_____. Sobre orientar pesquisa em tempos de pesquisa administrada. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.